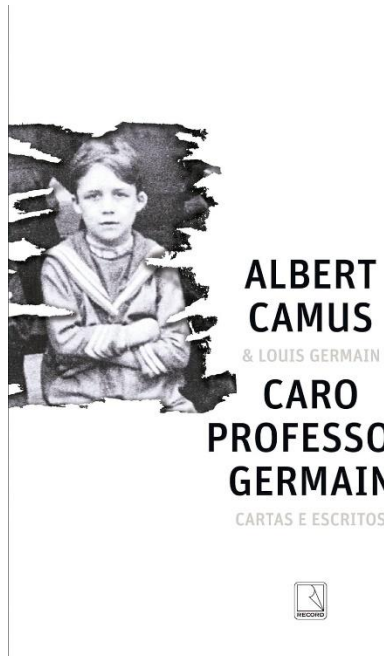


## CAMUS E A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

Felipe Figueira<sup>1</sup>



Albert Camus & Louis Germain. **Caro professor Germain**. Trad. de Ivone Benedetti. Rio de Janeiro: Record, 2024.

Em “Caro professor Germain”, livro composto por cartas e por um capítulo inacabado da obra “O primeiro homem”, do escritor francês Albert Camus, se encontra todo o amor que o grande escritor nutria pela educação e, em especial, pelo seu mestre, professor Louis Germain.

De tempos em tempos circula na internet a carta que Camus escreveu para o seu professor logo após ser galardoado com o Prêmio Nobel de Literatura de 1957 e ela recebe todo tipo de comentários, que giram em especial em torno do carinho e do reconhecimento que o escritor tinha em relação àquele que verdadeiramente o formou. Eis a carta em sua integralidade, de 19 de novembro de 1957.

---

<sup>1</sup> Professor de História, Pedagogia e Direito no IFPR campus Paranavaí. Doutor em Educação e Pós-doutor em História. Possui vários livros publicados, dentre eles “Entre médicos e imigrantes”, “Nietzsche e o eruditismo”, “Diário de um Docente: 2019-2021”, “sossélla sopra silfos” e “Por trás da banca: experiências de um elaborador de concursos”. Email: [felipe.figueira@ifpr.edu.br](mailto:felipe.figueira@ifpr.edu.br)

Caro senhor Germain,

Deixei que arrefecesse um pouco o ruído que me cercou todos estes dias antes de vir falar um pouco com o senhor do fundo do coração. Acabam de me render uma honra demasiadamente grande, que não busquei nem solicitei. Mas, quando fiquei sabendo da notícia, meu primeiro pensamento, depois de minha mãe, foi para o senhor. Sem o senhor, sem essa mão afetuosa que se estendeu para o menininho pobre que eu era, sem seu ensinamento e seu exemplo, nada disso teria me acontecido.

Não vejo como coisa do outro mundo essa espécie de honraria, mas ela é pelo menos uma oportunidade de lhe dizer o que o senhor significou e continua significando para mim, bem como de lhe garantir que seus esforços, seu trabalho e a generosidade que neles empenhava continuam vivos num de seus pequenos escolares que, apesar da idade, não deixou de ser seu aluno reconhecido.

Abraço-o com todas as minhas forças. (Camus, 2024, p. 33).

No entanto, nunca, ou quase nunca, aparece a resposta do mestre a essa bela carta, e esta vem com um misto de alegria e de amargor. De alegria, afinal, seu “Menino” (forma com que se referia ao ex-aluno) se tornou um homem brilhante; mas, de amargor, pois, com os próprios filhos, a convivência era ruim, a ponto de um deles sequer olhá-lo na rua. Eis um trecho da carta do professor, de 22 de novembro de 1957:

Sua carta nos emocionou profundamente, meu caro Menino. Ela revela sentimentos que honra uma alma humana. Pessoalmente, o que mais me toca é que meus próprios filhos nunca manifestaram tanta afeição. O mais velho manteve algum contato conosco e nos visita três ou quatro vezes por ano; a mulher dele e uma de suas filhas vieram nos ver ontem, e a mais velha, Raymonde, ficou em casa para estudar: tem orgulho de ser a primeira aluna de duas classes em francês. Quanto a Robert, rompeu definitivamente comigo desde que chegou à maioridade. Ele me ignora quando me encontra na rua, por mais perto que passe de mim. Nunca vi sua mulher nem seus dois filhos. (Camus, 2024, p. 34).

Camus nasceu na Argélia, e já nasceu órfão de pai, tendo na figura materna os cuidados dobrados, até que surgiu o professor Germain, o que foi um divisor de águas. Camus veio de uma família pobre, desprovida de recursos inclusive para que o filho pudesse continuar os estudos. Mas, o professor Germain, que foi um “salvador”, nos termos de Daniel Pennac (2008, p. 33), lutou contra o fatalismo financeiro-familiar e conseguiu que o menino continuasse os estudos. Essa atitude será para sempre

lembrada por Camus, que lhe rende cartas e mais cartas dotadas do mais puro amor (várias delas, infelizmente, perdidas, pois no livro só há um conjunto de 20). Vejamos alguns trechos:

Não tenho palavras para lhe dizer como a sua lembrança permaneceu presente em mim e expressar minha gratidão. (...) O senhor pode ir almoçar em Bougival, e lhe apresentarei minha mulher, que o conhece como um dos dois ou três homens a quem devo quase tudo. (Final de 1945. Camus, 2024, p. 14).

A propósito, o aluno toma a liberdade de repreender uma frase de seu bom mestre. Aquela que o senhor diz que tenho coisa melhor para fazer do que ler suas cartas. Não tenho e jamais terei nada melhor para fazer do que ler as cartas daquele a quem devo aquilo que sou, alguém que amo e respeito como o pai que não conheci. (13 de fevereiro de 1950. Camus, 2024, p. 23).

Tenho prazer em receber seus pedidos de livros e não quero que pague. O senhor sabe muito bem que nunca poderei retribuir o que lhe devo. Vivo com essa dívida, contente por sabê-la inesgotável e mais contente ainda quando posso lhe prestar algum pequeno serviço. (20 de outubro de 1959. Camus, 2024, p. 49).

Eu, que sou professor há vários anos, me emocionei ao ler esse livro, pois, mesmo que a minha profissão tantas vezes não seja valorizada e até mesmo seja castigada (psicologicamente e fisicamente), vejo o quão importante e transformadora ela é. Quantas vezes que eu fui o único a olhar de verdade para os olhos dos meus alunos? Quantas vezes que eu fui o único a tecer palavras de amor e de coragem para os meus alunos? Inúmeras. E assim foi o professor Germain com Camus.

Para coroar tão belo livro, ao final ainda contém um trecho do livro “O primeiro homem”, que ficou inacabado porque Camus faleceu, em 1960, em um acidente de carro. Mas, nesse trecho, intitulado de “A escola”, se encontra, uma vez mais, louvores do escritor ao mestre argelino. Nessa obra, o professor Germain se chamaria “Sr. Bernard”, mas, em dois trechos, Camus faz questão de mencionar o nome original do professor. É certo que se tivesse publicado teria padronizado o nome, mas, como ainda estava em formato de manuscrito, fez essa menção explícita. E quem era o professor Germain e por qual razão ele era tão especial? A explicação é simples: “Com o Sr. Bernard, a aula era sempre interessante pelo simples motivo de que ele amava apaixonadamente a profissão.” (Camus, 2024, p. 60).

Quando tudo parece levar ao desânimo em relação à docência, quando políticos querem vender a educação como mera mercadoria, quando as estruturas das escolas são péssimas, quando o plano de trabalho docente e a sua remuneração são ruins, quando os pais não respeitam o professor, tudo tende a dizer: “Já basta do magistério!”. Contudo, ao mesmo tempo que tudo isso surge, também aparecem momentos de alegria, que renovam o vigor e o amor à profissão. “Caro professor Germain” é um desses momentos que fazem valer a pena trabalhar com a educação e que, ainda que contra tantas adversidades, nos fazem ter orgulho de sermos professores, por amor e com amor.

## REFERÊNCIAS

Camus, Albert & Germain, Louis. **Caro professor Germain**. Trad. de Ivone Benedetti. Rio de Janeiro: Record, 2024.

Pennac, Daniel. **Diário de escola**. Trad. de Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 2008